

# 40.º FESTIVAL de Almada

Organização

**Câmara Municipal de Almada**  
**Companhia de Teatro de Almada**

4 – 18 • JULHO • 2023



# Índice

**04** “Da liberdade da diversidade do ser e do direito a desejar em vão” · Inês de Medeiros

**05** Dar espaço à dúvida · Rodrigo Francisco

**07** João Mota: 65 anos de Teatro · Eugénia Vasques

## ESPECTÁCULOS

**11** ¡Que salga Aristófanes!

**13** Calvário

**15** Suécia

**17** Aquilo que ouvíamos

**19** Eu sou a minha própria mulher

**21** Jogging

**23** Ventos do apocalipse

**25** Não andes nua pela casa!

**27** Eins Zwei Drei

**29** Montanha-russa

**31** Il compleanno

**33** Minuit

## 34 PLANILHA

**37** MOMO

**39** Optraken

**41** La enciclopedia del dolor. Tomo I: esto que no salga de aquí

**43** Everywoman

**45** A equipa

**47** Ulysse de Taourirt

**49** La vida es sueño

**51** Une cérémonie

## 52 MÚSICA NA ESPLANADA

## ACTOS COMPLEMENTARES

**58** O sentido dos Mestres (curso de formação)

*Por detrás do espectáculo* · Com Franco Laera

**59** Exposição Documental

*A grande Festa das ideias (40 edições do Festival de Almada)*

**60** Instalação de homenagem a João Mota

*A escola do círculo repetido sem fim (no teatro de João Mota)*

**61** Exposição de Artes Plásticas

*Vol. 1: Staged Bodies e Vol. 2: Mar Vertical* · De Noé Sendas

**62** Encontros da Cerca

*A criação e a Inteligência Artificial*

**63** Colóquios na Esplanada

## INFORMAÇÕES

**66** Assinaturas · Bilhetes avulsos · Contactos e moradas

### FICHA TÉCNICA

IMPRESA PUBLISHING – DOSSIÉS ESPECIAIS

EDIFÍCIO IMPRESA, RUA CALVET DE MAGALHÃES, 242 – 2770-022 PAÇO DE ARCOS

TEL.: 214 544 000 · FAX: 214 435 312

PUBLICIDADE/VENDAS: **CARLOS LOPES (DIRETOR)** – CALOPES@IMPRESA.PT

**SÉRGIO ALVES** – SALVES@IMPRESA.PT | 214 544 047 | 968 179 863

LOGÍSTICA, PRÉ-PRESS, MULTIMÉDIA E TRATAMENTO DE IMAGEM: PRODUÇÃO PUBLISHING

**MARIA JOÃO LOPES** (DIRETORA) – MJLOPES@IMPRESA.PT

TEXTOS: **RUI LAGARTINHO**

DESIGN GRÁFICO: **JOÃO GASPAR**

IMAGEM DA CAPA: **NOÉ SENDAS**

APOIO À EDIÇÃO: **MIGUEL MARTINS**

PUBLICIDADE: **SUSANA FERNANDES** E **CARINA VERDASCA**

IMPRESSÃO: LISGRÁFICA

Distribuição gratuita

Os conteúdos publicados no presente dossiê são da responsabilidade exclusiva do Departamento Comercial da Impresa Publishing, sendo editorialmente autónomos dos cadernos principais do jornal *Expresso*.

# “Da liberdade da diversidade do ser e do direito a desejar em vão”

2023 e 2024 são anos de efemérides. Em 2023 celebramos o cinquentenário da elevação da vila de Almada a cidade, as suas gentes, a sua história, a sua evolução em liberdade. Durante este ano, os 50 anos da cidade são em si mesmos um prenúncio dos 50 anos de liberdade que festejaremos em 2024. Este ano celebramos também os 30 anos da Casa da Cerca, os 20 anos do Museu de Almada – Casa da Cidade e, claro, a quadragésima edição deste festival único no país pela sua dimensão e qualidade, que é o Festival de Teatro de Almada.

São quarenta anos durante os quais se foi construindo um incomensurável património emocional e afetivo que liga todas e todos aqueles, nacionais e estrangeiros, que sabem o quanto o teatro é um espelho da vida e nesse sentido fundamental para a construção de qualquer sociedade democrática.

É no palco, nesse espaço mágico, com a força da vivência partilhada, que o indivíduo se torna cidadão. É no palco que se rompe a solidão e o silêncio, e se celebra a palavra. É onde se pensa e se constrói a sociedade, onde se interroga o passado e constrói o futuro.

O Festival de Teatro de Almada é simultaneamente um ponto de encontro e um momento de reflexão, um momento criativo e um ato político. Demonstrou isso mesmo quando, em 2020, apesar do medo da pandemia, abriu as suas portas. E, face ao contexto atual, estes momentos são tão necessários!

Vivemos de facto tempos estranhos. Os efeitos da pandemia e do regresso da guerra ao solo europeu ainda são difíceis de medir, mas já é inegável o surgimento de diversos movimentos de contestação social um pouco por todo o mundo, assim como alterações profundas no mundo laboral. Se por um lado, e contrariamente ao que poderíamos supor, esses movimentos têm reforçado partidos de extrema-direita, o lado mais negro, por outro lado vemos também ressurgir a necessidade de relançar o debate de ideias, e a busca de novos modelos económicos e sociais. Assistimos com esperança, sobretudo nos mais novos, para além das preocupações ambientais, a reivindicações no sentido de se libertarem do jugo da extensão do modelo neoliberal a todas as relações sociais e comportamentos individuais. O que o filósofo Michel Foucault denomina “empresário de si”, o ser humano reduzido a ser uma empresa liberal, autogerida, aberta à concorrência e competição por um “colonialismo económico mórbido”<sup>1</sup>, onde tudo é legitimado apenas pelos lucros que gere, até o próprio direito à existência social. Em que a sociedade do espetáculo substitui a linguagem pelo comentário ou “mexerico”.

Mais, simplesmente reclamam a liberdade da diversidade do ser e o direito a desejar em vão, o que prosaicamente se chama sonhar. Reclamam por arte e humanidade.

Não encontro hoje melhor definição e desafio para o Teatro.

Estou certa de que esta 40.<sup>a</sup> edição, que apresenta vinte espetáculos de teatro, dança e novo circo, distribuídos por nove palcos, e que nos traz nomes proeminentes como Peter Stein ou Ohad Naharin, será esse ponto de encontro físico e espiritual onde os que pisam o palco se cruzam com os que enchem as bancadas e constroem todas as noites um bocadinho mais este território de sonhos, de ideias, de linguagem, de arte e humanidade.

Termino agradecendo e saudando calorosamente a Companhia de Teatro de Almada, graças a quem voltaremos a sentir a elétrica e contagiante energia deste nosso Festival de Teatro de Almada.

**Inês de Medeiros**

Presidente da Câmara Municipal de Almada

# Dar espaço à dúvida

Almada, elevada a cidade em 1973, é como uma irmã mais velha do Festival, vinda ao Mundo ainda em ditadura. De facto, sem a Revolução que aconteceu no ano seguinte, o nosso Festival, que traz a democracia inscrita no seu íntimo, não poderia ter nascido. O Festival e a Cidade cresceram juntos. Dos becos e pátios do centro histórico até às praças e aos equipamentos culturais da ‘cidade nova’, o Festival tem acompanhado as modificações da comunidade, e vice-versa. Na verdade, se Almada é hoje conhecida como a ‘cidade do teatro’, esse epíteto é indissociável da circunstância de albergar o maior festival internacional de teatro do País. Um Festival que é organizado por uma Companhia de criação, conjuntamente com um Município: não conheço outro desta dimensão que também o seja. Então, nas próximas duas semanas de Julho — as do costume —, cá estaremos para organizar, contabilizar, desenhar, construir, produzir, montar, transportar, cozinhar, acolher, servir, debater, traduzir, publicar, representar. Muito bem-vindos.

Num tempo no qual somos cada vez mais seduzidos por uma certa ‘desmaterialização’, tão propícia a extremar e a acantonar feições dissemelhantes de estar no Mundo, os festivais de teatro podem constituir ainda um precioso reduto para o encontro. Um espaço de reunião entre posições contrárias. E uma valiosa oportunidade para conhecermos aqueles que pensam e vivem de formas distintas da nossa. Festivais como o nosso proporcionam-nos inclusive a possibilidade de pormos em causa aquilo em que sempre acreditáramos — nem que seja para prontamente regressarmos às nossas convicções originais. Tudo isto, desde que a civilidade democrática jamais ceda o lugar à intolerância, ao boicote ou à censura.

As vinte criações que vos propomos nesta quadragésima edição cruzam o ‘teatro da palavra’ com o novo-circo e a dança. E falamos de assuntos tão díspares como a adolescência, a celebração, o sonho ou a morte. No palco da Esplanada os concertos de entrada livre, com as variadas músicas que se fazem no Mundo, convidam-nos ao encantamento do jazz e do flamenco — mas também a levantarmo-nos das cadeiras, embalados pelos ritmos tropicais. E a porventura descobriremos, nestes quinze dias de Julho, aquilo que não sabíamos que houvesse nos restantes dias do ano.

**Rodrigo Francisco**

Director Artístico do Festival de Almada

<sup>1</sup> Roland Gori.

# João Mota

## 65 anos de Teatro

O João Mota que todos conhecemos é um monumento nacional! Rebelde, humilde, inflamado ou violento, o Joãozinho da Dona Amélia Rey-Colaço (e meu) marca, como ninguém, o teatro português seu contemporâneo. E porquê?, perguntarão os desconhecidos. Por várias ordens de razões: pela sua personalidade compassiva e comunitária — ele, um lobo solitário! —, pela sua capacidade de entrega e dedicação — a pessoas e a causas — e pelo seu amor desmedido pelo Teatro da Palavra e do Jogo, que ele sempre acreditou que pode mudar a Vida, ainda que “não faça revoluções”.

João Manuel da Mota Rodrigues nasceu em Tomar, a 22 de Outubro de 1942. Iniciou a sua vida de artista ainda criança, ao lado de sua irmã, a actriz e docente Teresa Mota (1940-2022), na Emissora Nacional, num celebrado programa para a infância (*Meia Hora de Recreio*) de Maria Madalena Patacho (1903-1993). Menino introvertido, ouvia e registava na memória as histórias que contavam as matriarcas da família — a mãe, a tia ou a avó — e escreveu, desde muito cedo, poemas e pecinhas de teatro sobre injustiças, prática que desenvolveu quer nas suas acções de militante da Juventude Operária Católica — onde trabalhou sob a orientação do fundador do Grupo de Teatro de Carnide, António Bento Martins (1932-1993) —, quer na animação dos seus colegas soldados, em plena guerra colonial em Angola.

Quando, após regressar de França e da então Pérsia, de um transformador estágio internacional com o encenador inglês Peter Brook (1925-2022), e após a participação no lançamento do novel Teatro Laboratório Os Bonecreiros (1970), funda A Comuna - Teatro de Pesquisa, a 1 de Maio de 1972, com Manuela de Freitas, Carlos Paulo e outros, trazia na sua bagagem de actor e encenador-aprendiz a experiência teatral adquirida em fontes tão antagónicas como Amélia Rey-Colaço, Ribeirinho, Laura Alves, Adolfo Gutkin ou o japonês Oida Yoshi, colaborador de Brook e promotor do conceito brookiano de ‘Actor Invisível’, cujas marcas encontramos, ainda hoje, nalgumas encenações de João Mota.

‘Descoberto’ como ‘pedagogo’ por Madalena Perdigão — cujo centenário se celebra este ano —, João Mota defende, para a formação de actores e de artistas, uma **formação integral da pessoa**, do cidadão, num entendimento da pedagogia teatral como uma procura de um modo de “ser simples, de estar atento e gostar dos outros, depois de gostar de si” e de um modo de, mudando-se a si mesmo e ajudando os outros a aceitar a mudança e a diferença, intervir conscientemente na sociedade.

Perdi um irmão em cena; ganhei este irmão no teatro.

(Lisboa, 10 de Maio de 2023)

**Eugénia Vasques**  
Professora e investigadora



**espectáculos**



## Els Joglars (Espanha)

Co-produção: Comunidad de Madrid (Teatros del Canal) e Generalitat de Catalunya

Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa

# ¡Que salga Aristófanes!

## Valha-nos Aristófanes!

Dramaturgia colectiva

Encenação de **Ramon Fontserè**

### Interpretação

**Ramon Fontserè**

**Pilar Sáenz**

**Dolors Tuneu**

**Javier Villena**

**Alberto Castrillo-Ferrer**

**Angelo Crotti**

### Cenografia

**Anna Tusell**

### Desenho de iluminação

**Bernart Jansà**

### Desenho de som

**David Angulo**

### Figurinos

**Pilar Sáenz**

### Assessora artística

**Martina Cabanas**

### Direcção de cena

**Alberto Castrillo-Ferrer**

—

### Língua

**Castelhano**

(legendado em português)

### Duração

**1h30m**

### Classificação

**M/12**

Em *Valha-nos Aristófanes!*, um ex-professor de cultura clássica entretanto despedido e internado num hospício lança-se à jugular de uma certa censura que, em nome de uma alegada moral, vai transformando alguns criadores em meros polícias de si próprios, coartando-lhes a liberdade criativa. **Ramon Fontserè**, que integra esta companhia catalã desde 1983, convoca nada mais nada menos do que Aristófanes para se arrogar o direito de dizer o que pensa: “Caros espectadores, não vos deixeis ofender pelo facto de, sendo eu um cómico, me atrever a falar da sociedade, uma vez que também a comédia sabe avaliar o que está certo. Vou dizer-vos algumas palavras que, sendo amargas, são também assaz autênticas”. No manicómio em que decorre esta peça, por entre uma certa loucura mansa vão sendo ditas algumas graças que poderão soar inconvenientes a alguns — mas cristalina e lucidamente a muitos outros. Estaremos nós preparados para assistir, em cena, ao regresso do Mayflower ao Velho Continente?

Desde 1962 que **Els Joglars** — a companhia fundada pelo aclamado Albert Boadella — procuram criar espectáculos populares e invariavelmente fracturantes: uma atitude que lhes valeu numerosos dissabores durante a ditadura de Franco — e também em democracia. Desta vez, ao colocarem-se sob a égide de Aristófanes, reivindicam um gesto libertário: “O riso é uma forma extraordinária de higiene mental. E nós, os cómicos, somos desde a Antiguidade fazedores de gargalhadas para catarse e consolo do público”.

---

<sup>EN</sup> Els Joglars present *¡Que salga Aristófanes!* [*Thank God for Aristophanes!*], a comedy set in a home for the mentally ill, where a group of patients is rehearsing a play about the ancient Greek creator of satire and comedy. Els Joglars' plays always combine characteristics that rarely appear together: popularity, while seeking to avoid conventionality. The company's most remarkable achievement since its creation, in 1962, has been to reach a large audience with innovative plays in terms of style and content.

ALMADA

**Escola D. António da Costa**

Palco Grande

**TER 4**

22:00

# Calvário

Texto e encenação de **Rodrigo Francisco**

## Intérpretes

Carlos Pereira  
João Cabral  
João Farraia  
Luís Vicente  
Pedro Walter  
Teresa Mónica  
Maria Velez Araújo  
(Estagiária da ESTC)

## Cenografia

Céline Demars

## Figurinos

Ana Paula Rocha

## Luz

Guilherme Frazão

—

## Língua

Português

## Duração

1h30m

## Classificação

M/12

Um teatro público está a montar a mais célebre peça de Thomas Bernhard – *Minetti* –, mas o actor contratado para o papel do protagonista não foi uma primeira escolha, nem a segunda, nem a terceira. Acontece que a mitomania e pesporrência deste actor, uma ‘velha truta’, fazem dele uma espécie de duplo de Minetti, o intérprete shakespeariano criado por Bernhard, que espera debalde no *hall* de um hotel em Ostende pelo director de um teatro que lhe prometeu nada mais nada menos do que o papel de Lear. Dá-se o caso de que o encenador deste *Minetti* parece não ter grande interesse pela peça; os restantes actores do elenco não estão satisfeitos com os papéis que lhes foram distribuídos; o assistente pessoal do velho actor defende o seu “Mestre” empedernidamente; o assistente de encenação indigna-se com a “toxicidade” de determinadas tiradas do texto; e uma intérprete de língua gestual vai assistindo, perplexa, ao que ameaça vir a tornar-se num grande naufrágio colectivo. Ou num ‘calvário’, melhor dizendo, que é como os actores antigos chamavam às falas de que se esqueciam repetidamente nos ensaios – e não só.

**Rodrigo Francisco** é dramaturgo, encenador e director artístico da Companhia de Teatro de Almada e do Festival de Almada. Fez a sua formação teatral com Joaquim Benite, de quem foi assistente de encenação. Dirigiu várias peças para a CTA, sendo as mais recentes *Um gajo nunca mais é a mesma coisa*, cujo texto é também da sua autoria, e *Além da dor*, de Alexander Zeldin.

<sup>EN</sup> A public theatre is staging Thomas Bernhard's most famous play – *Minetti* – but the actor which shall play the leading role was not a first choice, nor the second, nor the third. It turns out that the director of this *Minetti* does not seem to have much interest in the play, and the other actors in the cast are not satisfied with the roles they have been given. There is an atmosphere in the air that threatens to become a great collective shipwreck. Or a ‘calvary’, as the old actors used to call the lines they repeatedly forgot in rehearsals.

## ALMADA

Teatro Municipal

Joaquim Benite

Sala Experimental

QUA 5	SEX 7	SÁB 8	TER 11	SÁB 15	DOM 16
21:30	21:30	19:00	21:30	21:30	19:00





© TUNA/TNSJ

Teatro Nacional São João (Porto)

## Suécia

Texto de **Pedro Mexia**  
Encenação de **Nuno Cardoso**

### Interpretação

**António Fonseca**  
**Joana Carvalho**  
**Jorge Mota**  
**Lisa Reis**  
**Patrícia Queirós**  
**Paulo Freixinho**  
**Pedro Frias**

### Cenografia

**F. Ribeiro**

### Música

**Pedro "Peixe" Cardoso**

### Apoio ao movimento

**Roldy Harrys**

### Desenho de luz

**Cárin Geada**

### Figurinos

**Nélson Vieira**

### Assistência de encenação

**Mafalda Lencastre**

### Apoio dramaturgico

**Madalena Alfaia**

—

### Língua

**Português**

### Duração

**1h30m**

### Classificação

**M/12**

Setembro de 1976. Depois de meio século ininterrupto de governação, o Partido Social-Democrata Sueco, embora vencedor das eleições, consegue menos deputados do que o bloco do centro-direita (liberais, conservadores e agrários), que fica assim na iminência de chegar ao poder. Egerman, um intelectual sexagenário e amargo, não esconde o seu contentamento com o fim do consulado social-democrata, que vê como uma versão suave dos despóticos paraísos do marxismo-leninismo, ao qual aderira na juventude. Partidário do fim das ilusões, porque já não tem nenhuma, pretensamente viúvo (na verdade, divorciado), afastado da universidade onde dava aulas, Egerman decidiu "retirar-se do mundo" e vive numa bela e melancólica ilha do Arquipélago de Estocolmo. As eleições coincidem com o casamento de Monika, filha de Egerman, que decorre na ilha.

"Na Suécia dizem que não é preciso distanciamento social, porque isso já é ser sueco". É público e notório o fascínio do escritor **Pedro Mexia** por este país escandinavo. *Suécia* – obra que marca a sua estreia como dramaturgo – joga com a suspeita de que todos temos 'uma certa ideia' da Suécia. Uma mitologia controversa, digamos: o país 'metafísico-angustiado' dos filmes de Bergman, o paraíso (perdido?) da social-democracia, mas também a pátria do infernal Strindberg ou dos açucarados ABBA. *Suécia* é um lugar onde se discute sobre a ideia de futuro, o fim das ilusões, as boas intenções. Um lugar onde as linhas de demarcação do político e do íntimo se tornam indistintas.

---

<sup>EN</sup> "In Sweden, they say they don't need social distancing, because being Swedish is all about that", recently said the writer Pedro Mexia, who has long been fascinated by that Scandinavian country. A diffuse mythology, so to speak: the "metaphysical-anguished" country of Bergman's filmography, the (lost?) paradise of social democracy, but also the homeland of fiendish Strindberg or sugary ABBA. The play takes us to the aftermath of the September 1976 elections, which marked the end of half a century of Swedish Social Democratic Party rule. Suécia is a place where the idea of future, the end of illusions and good intentions are all under debate.

### ALMADA

**Teatro Municipal**  
**Joaquim Benite**  
Sala Principal

**QUA 5** | **QUI 6**  
21:30 | 19:00



© JOÃO PAULO SERAFIM

## Teatro do Vestido (Lisboa)

Co-produção: EGEAC – São Luiz Teatro Municipal, Teatro Nacional São João e Teatro do Vestido  
Apoios: FX Road Lights e Largo Residências

# Aquilo que ouvíamos

Texto e direcção de **Joana Craveiro**

### Co-criação e interpretação

Estêvão Antunes  
Inês Rosado  
Joana Craveiro  
Tânia Guerreiro

### Músicos convidados

Bruno Pinto  
Francisco Madureira  
e os Loosers

### Participação especial

Ricardo Jerónimo  
Sónia Guerra  
Tatiana Damaya

### Colaboração criativa

Sérgio Hydalgo

### Cenografia

Carla Martinez

### Figurinos

Tânia Guerreiro

### Imagem

João Paulo Serafim

### Vídeo em directo

João Paulo Serafim  
Henrique Antunes  
Sónia Guerra  
Tatiana Damaya

### Desenho de luz

Leocádia Silva

### Operação de luz

Rodrigo Lourenço

### Desenho de som

Pedro Baptista,  
Sérgio Milhano (PontoZurca)

### Direcção de produção

Alaíde Costa

—

### Língua

Português

### Duração

1h50m

### Classificação

M/12

Houve um tempo em que a música era algo palpável e material. E houve uma década, os anos oitenta do século XX, em que vários suportes se misturavam. Ainda havia cassetes, e o vinil ainda não tinha sido substituído pelo CD. É desses anos que fala *Aquilo que ouvíamos*, um dos projectos mais recentes de **Joana Craveiro** e do seu Teatro do Vestido, estreado em Junho de 2021 na discoteca Lux/Frágil, em Lisboa. Por se tratar de um espectáculo habitado por pessoas implicadas, a tralha arqueológica e a nostalgia são neste caso postas de lado. Não estamos perante um regresso a uma espécie de 'bons velhos tempos'. Visita-se, isso sim, um tempo em que a música conferia uma identidade e uma pertença.

Peça-concerto composta pelas vivências musicais do seu elenco-banda — quatro actores e cinco músicos —, *Aquilo que ouvíamos* consiste numa viagem de regresso aos anos formativos da adolescência. Nessas "histórias da música", conta-se como a sua materialidade era tão importante: compravam-se vinis com as curtas mesadas, estudava-se as suas capas, lia-se as letras neles impressas. Trocava-se esses discos, e fazia-se amigos nessas trocas. Exibia-se um álbum de eleição como uma insígnia, sinalizando assim uma posição face aos pares e demarcando-se deles. Gravava-se cassetes a partir de vinis emprestados, de concertos raros, ou de programas de rádio improvisados em casa — preciosas provas de quem se era. Este espectáculo redime um passado — "um tempo em que havia tempo" — com a ternura e a ironia de o saber perdido. Mas ainda bem presente, nos vínculos que pela música se criaram e que ainda perduram.

<sup>EN</sup> In *Aquilo que ouvíamos* [*Stuff We Used to Listen To*], Joana Craveiro revisits a time when music gave its listeners a sense of identity and belonging. This concert-play, based on the musical life experiences of its band/cast — four actors and five musicians (including the Loosers) that are the authors of the project's original soundtrack —, is a journey back to the formative years of adolescence in the 1980s and 1990s. *Aquilo que ouvíamos* revives a past, "a time when we had time", with full tender and ironic awareness of its being lost, and yet present in the identity-developing bonds that were created through music and still persist.

### ALMADA

Escola D. António da Costa  
Palco Grande

QUI 6  
22:00

# Eu sou a minha própria mulher

De **Doug Wright** | Encenação de **Carlos Avilez**

## Tradução

Miguel Graça

## Interpretação

Marco D'Almeida

## Cenografia e figurinos

Fernando Alvarez

## Desenho de luz

Paulo Santos

## Desenho e operação de som

Hugo Neves Reis

## Assistência de encenação

Rodrigo Aleixo

## Produção

Raul Ribeiro

## Direção de montagem

Rui Casares

## Operação de luzes

Jorge Saraiva

## Execução de figurino

Rosário Balbi

## Execução de cabeleira

Natália Bogalho

## Assistência de cenografia, figurinos e adereços

Ricardo Reis

## Participação de

Carolina Faria

Filipe Feio

Hugo Narciso

Susana Luz

—

## Língua

Português

## Duração

2h00m

## Classificação

M/12

“Quem é ela?”, parece ser a pergunta que o autor faz ao longo desta peça. Fala-se de Charlotte von Mahlsdorf e conta-se a sua história, com as várias personagens que a acompanham durante o regime nazi, o regime comunista e a reunificação alemã. Mas será essa a verdadeira pergunta? Será que este texto é sobre essa personagem, ou sobre a ideia que construímos dela? E, se assim for, de quem é essa ideia, a não ser do próprio autor? E qual é o ponto de vista que tem sobre esta pessoa enigmática, que escolheu retratar? A protagonista é, e não é, Charlotte von Mahlsdorf, uma *persona* criada por um escritor. E, por isso, o eixo dramático deve centrar-se no próprio autor. Um autor que é, ao mesmo tempo, uma personagem desta peça, carregada de pontos de vista e, sobretudo, toldada pelo amor que tem pelo “herói” que criou, mais do que pela personagem real.

A ficção supera a realidade, e a verdadeira Charlotte nunca se viu a si própria em cena. Pelo menos, nunca viu a versão que **Doug Wright** de si criou — porque, entretanto, morreu. Por muito mórbida que esta circunstância seja, ela faz com que *Eu sou a minha própria mulher* se constitua como um acontecimento teatral raro, cheio de armadilhas e de zonas performativas que nos levam a questionar o que é a realidade e, ao mesmo tempo, o que é o teatro. Charlotte representa que é Charlotte, ou será mesmo Charlotte? As histórias que conta são reais porque aconteceram, ou porque quem as ouve acredita nelas? No ano passado, o público do Festival votou neste espetáculo para que regressasse em 2023 como Espectáculo de Honra.

EN *I Am My Own Wife* consists on an examination of the life of the German antiquarian Charlotte von Mahlsdorf, born Lothar Berfelde, who killed her father when she was a young child and survived the Nazi and Communist regimes in East Berlin. Doug Wright based his play on the conversations he had with Charlotte von Mahlsdorf, who he met in 1992. An astonishing *tour the force* for one actor, the play opens Off Broadway, in 2003, with an enormous buzz. Arrived on Broadway later that year, it won the Pulitzer and Tony Awards.

## ALMADA

Fórum Municipal Romeu Correia  
Auditório Fernando Lopes-Graça

SEX 7	DOM 9	TER 11
21:30	18:00	21:30

Hanane Hajj Ali (Líbano)

Co-produção: Arab Funds for Arts and Culture

# Jogging

Texto, concepção e interpretação de **Hanane Hajj Ali**

Encenação de **Éric Deniaud**

**Dramaturgia**

Abdullah Alkafri

**Luz**

Sarmad Louis

Rayyan Nihawi

**Som**

Wael Kodeih

**Figurinos**

Kalabasha

Louloua Abdel-Baki

—

**Língua**

Árabe libanês e francês

(legendados em português)

**Duração**

1h30m

**Classificação**

M/12

O *Jogging* de Hanane é uma metáfora da vida. Da dela e das de outras mulheres. Não percebemos bem o que nos espera quando nos deparamos, no início do espetáculo, com esta atriz, sozinha no meio do palco, a fazer ginástica. Mas quando as luzes se apagam — como naquela Beirute que ela tão bem descreve, à hora do crepúsculo —, ficamos inebriados com a magia de uma simples contadora de histórias. Hanane faz dela própria e de mais três mulheres. Uma tem nome próprio: Medeia. As outras são duas libanesas anónimas, vítimas do quotidiano da guerra. Este seu *Jogging* assenta na vida de uma artista que é simultaneamente “mulher, mãe, atriz e cidadã engajada”, e que todos os dias corre pelas ruas de Beirute — para “prevenir o stress, a depressão e a osteoporose”, conta-nos logo no início. Foi aliás numa destas corridas que a ideia desta peça lhe surgiu, como um mergulho íntimo nos seus sonhos e preocupações. E como uma forma de pôr em causa os estereótipos e os preconceitos que assolam as mulheres no mundo árabe.

**Hanane Hajj Ali** — atriz, activista e pedagoga — tem uma carreira artística com mais de quatro décadas, ao longo das quais se afirmou como uma voz livre, que pugna pela liberdade de expressão e pela democracia no seu país. Com *Jogging*, venceu em 2017 um prémio de interpretação no Festival de Edimburgo, em 2020 recebeu o Gilder Coigney Award atribuído pela League of Professional Theatre Women, e estreou-se em 2022 na programação *In* do Festival d'Avignon.

EN Hanane Hajj Ali began to conceive *Jogging* around 2012, during one of her regular morning runs through Beirut. She used to equip herself with headphones and a cell phone, so that she could record her thoughts while running. In this play — a humorous, revealing and finally dark performance — she inhabits four women: herself; the Medea of Euripides; and two contemporary Lebanese women — one who killed her children and herself, and another who sacrificed her children in the Syrian war.

ALMADA

Incrível Almadense

Salão de Festas

SEX 7

21:30

SÁB 8

18:00

DOM 9

15:00 • 21:30



# Ventos do apocalipse

Texto e encenação de **Noé João**, a partir da obra homónima de **Paulina Chiziane**

## Interpretação

Daniel Martinho  
Gio Lourenço  
Lara Mesquita  
Rolaisa Embaló

## Luz

Pedro Domingos

## Som

André Pires

—

## Língua

Português

## Duração

1h00m

## Classificação

M16

*Ventos do apocalipse*, publicado em 1993 e tendo a guerra civil moçambicana como pano de fundo, aborda conceitos como a destruição, a miséria, o sofrimento, o ódio, a superstição e a morte. Para o encenador angolano **Noé João**, é importante abordar “a questão da memória, reflectida no corpo e na expressão do actor. Cada cena, cada momento, leva-nos para um lugar de memória, seja ela de guerra, de sofrimento ou de humilhação. Esse espaço de memória é também uma forma de propor a interacção do público com o espectáculo”.

A escritora moçambicana **Paulina Chiziane** (n. 1955) foi a primeira mulher do seu país a publicar um romance. Com *Balada de amor ao vento*, que editou em 1990 a propósito do tema da poligamia, encetou uma carreira que conta actualmente com mais de dez obras publicadas, pelas quais recebeu o Prémio José Craveirinha de Literatura (2003), o grau de Grande Oficial da Ordem do Infante D. Henrique (2013) e o Prémio Camões (2021). Entre os livros que publicou encontram-se, entre outros: *O sétimo juramento*, *As andorinhas*, *O alegre canto da perdiz*, *Na mão de Deus*, *Por quem vibram os tambores do Além*, e *O canto dos escravizados*.

---

<sup>EN</sup> War. Destruction. Misery. Suffering. Humiliation. Hatred. Superstition. Death. This is the Dantesque scenario of Paulina Chiziane's novel *Winds of the Apocalypse*. Her words are so raw, incisive, cutting and delirious that they lead the reader to question himself how much fiction could there be in the realism described on this apocalyptic ambience. The most abhorrent of all the demonstrations of war might be the one between the Mananga and the Macuácu people, standing under fire from both sides, and not knowing who is with them or against them.

ALMADA

Cine-Teatro da Academia Almadense  
Auditório Osvaldo Azinheira

SEX 7 | SÁB 8 | DOM 9  
21:30 | 15:00 | 15:00

# Não andes nua pela casa!

Texto de **Georges Feydeau** | Encenação de **João Mota**

**Tradução**

Lúis Vasco

**Intérpretes**

Hugo Franco  
Maria Ana Filipe  
Rogério Vale  
Luís Garcia  
Miguel Sermão

**Espaço cénico**

João Mota

**Desenho de Luz**

Paulo Graça

**Execução do figurino**

Clarisse Ventroux  
Mestra Rosário Balbi

**Figurinos**

Carlos Paulo

**Coreografia do tango**

Samanta Garcia

—

**Língua**

Português

**Duração**

1h20m

**Classificação**

M/12

A Comuna está de regresso ao Festival, com uma agitada comédia daquele que é considerado o 'rei do teatro de *vaudeville*': o dramaturgo francês **Georges Feydeau** (1862-1921). *Não andes nua pela casa!* deixa-nos a breve trecho sem ponta de fôlego, graças à atenção necessária para não perdermos pitada das peripécias e do frenesim que se sucedem em cena. O deputado Ventroux está em pé-de-guerra com a sua mulher, Clarisse, uma vez que a senhora não é pura e simplesmente capaz de largar o (mau) hábito de passear-se por casa em trajes menores. Pois eis que hoje mesmo este ambicioso deputado se prepara para receber em sua casa o Presidente da Câmara (e influente industrial) Sr. Hochepaix, que poderá franquear-lhe as portas da ascensão política. Porém, o seu próprio mordomo e um impertinente repórter do *Le figaro* acabam por causar uma verdadeira catástrofe doméstica. Para agravar a situação, uma vespa aparece também lá por casa.

O encenador **João Mota**, homenageado este ano em Almada, alerta-nos para o facto de que "Feydeau é um precursor do surrealismo e do absurdo. Neste texto, a figura da esposa apresenta-se como uma lutadora pela emancipação da mulher. Se, à partida, esta personagem chamada Clarisse parece tonta, na verdade ela 'de tonta não tem nada': denuncia o marido e seduz o político seu rival, mesmo nas suas barbas. Por mais que o Sr. Ventroux insista para que se vista, ela acaba por andar sempre em camisa de noite pela casa. Chega mesmo a dizer que, se recebesse a família real inglesa, punha 'apenas um roupão por cima', revelando uma posição crítica relativamente à sociedade burguesa, e 'à maneira errada' como vive".

---

<sup>EN</sup> In *Please Don't Walk Around in the Nude*, we are touched by Feydeau's comic madness from the outset. Ventroux, a French politician, is trying to explain to his wife, Clarisse, that it is indecent for their son to see her wearing only her slip. She doesn't understand what is wrong with this or, for that matter, with her being seen in her nightgown by household servants, peeping-tom neighbours, and even Hochepaix, the mayor of a nearby town. The play's central conflict is caused when Clarisse's ingenuous and disputable logic meets up with Ventroux's "appearances are everything" outlook.

**ALMADA**

Escola D. António da Costa  
Palco Grande

SÁB 8  
22:00





© NELLY RODRIGUEZ

## MZ Atelier (Suíça)

Co-produção: Biennale de la danse de Lyon 2018; Kaserne Basel; Le Volcan scène national du Havre; Les 2 Scènes, scène national de Besançon; Les Théâtres de la Ville de Luxembourg; Maillon, Théâtre de Strasbourg – Scène européenne; Maison de la Culture de Bourges – Scène Nationale; Scène Nationale du Sud-Aquitain; Nebia-Biel/Bienne; Théâtre de la Ville, Paris; Theater Casino Zug; Theater Chur; Théâtre Vidy-Lausanne; Zürcher Theater Spektakel.

# Eins Zwei Drei

## Um dois três

Autoria, encenação, coreografia e figurinos de **Martin Zimmermann**

### Intérpretes

Tarek Halaby  
Dimitri Jourde  
Romeu Runa  
Colin Vallon

### Criação musical

Colin Vallon

### Dramaturgia

Sabine Geistlich

### Cenografia

Martin Zimmermann

Simeon Meier

### Som

Andy Neresheimer

### Luz

Jérôme Bueche

—

### Duração

1h30m

### Classificação

M/12

Três *performers*, acompanhados por um pianista, convidam-nos a dar a volta ao mundo mágico e extravagante dos *clowns*. Há vários aspectos desta arte que se cruzam em palco: o mimo da cara branca, a sombra negra da *commedia dell'arte*, e um verdadeiro homem-borracha — interpretado pelo português Romeu Runa —, que é quem mais nos remete para as fronteiras e os limites performativos dos corpos, nesta peça sempre superados. Runa dobra-se e encaixa-se num cubo de acrílico, donde sairá, triunfante e desembestado, ao fim de quinze minutos. Zimmermann inventou um museu onde estes três intérpretes evoluem, e repetidas vezes se opõem: os artistas não suportam que lhes coartem a liberdade. Tudo assente numa sofisticada acrobacia, rigorosamente coreografada. Explica o coreógrafo: "Há já muito tempo que procuro compreender a figura e o papel do *clown* no teatro contemporâneo. Um *clown* não é um actor, não tem género: apresenta-se em palco por inteiro, revelando o seu interior e o seu exterior. A sua figura gira sempre em torno da questão da existência".

**Martin Zimmermann** é um encenador, coreógrafo, cenógrafo e actor suíço, que se apresenta há mais de vinte anos nos principais palcos do Mundo. As suas criações, sempre sem palavras, são visual e fisicamente impactantes, conseguindo, à medida que os corpos e os objectos interagem e se entrelaçam, diluir virtuosamente os limites entre realidade e ficção.

<sup>EN</sup> For this piece, Martin Zimmermann worked with three characters, clown archetypes, in order to illustrate powerful issues such as authority, submission and freedom. He took the conceited, know it all Whiteface, the warm-hearted naive Auguste and the zany Maladroit, who invariably confounds situations, and placed them in the sanitized world of a museum. How will these three figures plucked from the anarchic world of circus survive, in this strictly ordered environment of a museum? What evolves is highly comic, absurd and tragic.

### ALMADA

Teatro Municipal

Joaquim Benite

Sala Principal

DOM 9 | SEG 10  
21:30 | 19:00



© MIGUEL MANSO

## Formiga Atómica (Lisboa)

Co-produção: Teatro Nacional D. Maria II, Teatro Nacional São João e Teatro Virgínia

# Montanha-russa

Texto de **Inês Barahona** e **Miguel Fragata**

Encenação de **Miguel Fragata**

### Música original

Hélder Gonçalves

### Letras

Inês Barahona

Miguel Fragata

### Intérpretes

Anabela Almeida

Bernardo Lobo Faria

Carla Galvão

Miguel Fragata

### Música ao vivo

Hélder Gonçalves

Manuela Azevedo

Miguel Ferreira

Nuno Rafael

### Movimento

Marta Silva

### Cenografia

F. Ribeiro

### Figurinos

José António Tenente

### Desenho de luz

José Álvaro Correia

### Desenho de som

Nelson Carvalho

### Vídeo

Henrique Frazão

### Direcção técnica

Nuno Figueira

### Roadie

Norberto Duque

### Língua

Português

### Duração

2h00m

### Classificação

M/12

“Sempre achei que se fosse uma máquina seria uma montanha-russa”: os diários íntimos e a música estão na base desta *Montanha-russa* criada por **Miguel Fragata** e **Inês Barahona**. Eis o diário deixado em cima da mesa, ou destilado nas redes sociais, ou perigosamente levado para o liceu: uma intimidade a gritar “leiam-me!”. Em cena, deparamo-nos com quatro adolescentes que representam os jovens naquela fase da vida a que os pais costumam chamar ‘a idade do armário’. Neste espectáculo nada fica por contar. E o conceito de ‘montanha-russa’ traduz justamente esse momento, na voz de Manuela Azevedo e na música de Hélder Gonçalves, dos Clã: “A montanha-russa é colossal / Feita à medida de cada mortal / Não há ensaio / A volta é fatal”.

A fase de criação desta peça foi antecedida de um longo trabalho de pesquisa junto de várias centenas de jovens, que incluiu uma recolha de diários, entrevistas a solo, e pequenos espectáculos criados para apresentar de surpresa em contexto de sala de aula, a alunos do ensino secundário. Para a dupla de criadores que agora regressa a Almada, o título começou por ser uma metáfora para abordar a adolescência, mas no decurso do processo de criação tornou-se um elemento vivo que permite ligar diferentes adolescências entre gerações.

EN *Montanha-russa (Roller-coaster)* is a show in which theatre and music battle for the spotlight. Challenging the conventions that define ‘musical theatre’ as such, a gravity-defying loop is created, taking us through a steep descent into adolescence while removing it from common-place and bringing it closer towards a place of intimacy. This secret and private internal dimension comes to life in its desire to find a stage in which to perform.

### ALMADA

Escola D. António da Costa

Palco Grande

SEG 10

22:00



© TOMMASO LE PERA

## Tieffe Teatro Milano (Itália)

Co-produção: TSV-Teatro Nazionale / Viola Produzioni | Apoio: Instituto Italiano de Cultura

# Il compleanno

## O aniversário

Texto de **Harold Pinter**

Encenação de **Peter Stein**

### Intérpretes

Maddalena Crippa  
Alessandro Averone  
Gianluigi Fogacci  
Fernando Maraghini  
Alessandro Sampaoli  
Emilia Scatigno

### Cenografia

Ferdinand Woegerbauer

### Figurinos

Anna Maria Heinreich

### Luz

Andrea Violato

### Assistente de encenação

Carlo Bellamio

### Assistente de produção

Cecilia Negro

### Texto português

Artur Ramos

—

### Língua

Italiano

(legendado em português)

### Duração

2h30m (c/ intervalo)

### Classificação

M/12

Quando Goldberg e McCann, com ar de cangalheiros, chegam ao sítio onde Stanley vive — uma casa de hóspedes à beira-mar — o absurdo e o medo misturam-se. Harold Pinter escreveu *O aniversário* numa década em que toda uma geração recuperava da II Guerra Mundial. Tempos em que as ameaças não-explicitas, próprias de um clima de Guerra Fria, galopavam na imaginação de cada espectador. O cinema explorou estas sombras, e o teatro também. Em 1957, quando a peça se estreou, as opiniões da crítica dividiram-se. Harold Hobson, no *The Times*, foi um dos seus principais defensores, prevendo o futuro triunfal daquela que é considerada a primeira grande peça de Pinter: “O enredo é de primeira qualidade. A peça decorre numa atmosfera de terror deliciosa, que nos deixa de cabelos em pé. O autor revela-nos um dos traços mais recorrentes da existência humana: vivemos todos à beira do desastre”.

A rigorosa encenação de **Peter Stein** apostou no mimetismo entre o palco e a plateia, relatando-nos o quotidiano de um homem “traçado a régua e esquadro, rodeado por um conjunto de ameaças que transformam esta festa de aniversário numa verdadeira noite de horrores”. O histórico encenador alemão regressa a Almada, onde nos últimos anos nos apresentou algumas criações inesquecíveis, de autores como Goethe, Labiche, Beckett, e o próprio Pinter. Em 2015 dirigiu a formação *O sentido dos mestres*.

---

<sup>EN</sup> *The Birthday Party*, Harold Pinter's second full-length play, was written in 1957. Stanley Webber's life at a rundown seaside boarding house is disrupted by the unexpected arrival of two mysterious and sinister strangers called Goldberg and McCann, who terrorise him and eventually take him away. Pinter uses drumming and hysterical laughter to intensify the situation. The men's strange menacing behaviour continues the following morning. They claim that Stanley has suffered a nervous breakdown, and the play ends with them taking him away.

### ALMADA

Escola D. António da Costa

Palco Grande

QUA 12

22:00



## Yoann Bourgeois Art Company (França)

Co-produção: Tandem Scène Nationale Arras Douai; l'Agora Centre Culturel PNAC Boulazac Aquitaine; CCN2 – Centre chorégraphique national de Grenoble | Apoio: Institut Français du Portugal

# Minuit

## Meia-noite

Coreografia de **Yoann Bourgeois**  
com a cumplicidade de **Laure Brisa, Yurié Tsugawa e Olivier Mathieu**

### Interpretação

Laure Brisa  
Yurié Tsugawa  
Olivier Mathieu

### Música

Laure Brisa  
Philip Glass

**Desenho e operação de som**  
Antoine Garry

**Desenho e operação de luz**  
Jérémie Cusenier

### Figurinos

Sigolène Pétey

**Narração em português**  
Luís Madureira

**Director técnico**  
Nicolas Anastassiou

**Director de cena**  
Eric Prin

**Excerto de**  
*Chroniques 3 des jours entiers et des nuits entières*  
de Xavier Durringer,  
publicado por éditions  
Théâtrales, editora  
e agente do autor

**Duração**  
1h05m

**Classificação**  
M/12

Quando em 2014 estreou *Minuit*, **Yoann Bourgeois** quis deixar claro que esta sua nova criação marcava o início de um projecto de vida. E atribuiu-lhe um subtítulo: *Tentativas de aproximação ao ponto de suspensão*. Como se estivesse a levar a cabo uma análise à gramática do seu processo criativo. Tratou-se de um presente que resolveu dar a si próprio, numa altura em que a sua carreira atingia já um elevado ponto de maturidade e reconhecimento. “Esta idade não representa um limite objectivo, nem uma realidade temporária. Independentemente do número de dias que nos restam, mesmo fazendo prognósticos audaciosos, esse será sempre um tempo curto. O meu programa é desarmar o tempo. Algo obviamente impossível. Mas podemos tentar”, escreveu então.

E esse esforço resultou num espectáculo leve como uma pluma esvoaçante, no qual as músicas inebriantes dos solos da harpa nos levam pelos caminhos de um sonho. Ao mesmo tempo, este é um projecto assumidamente teatral, no que diz respeito à sua materialidade. Resumidamente, podemos alvitrar que o novo-circo vai ao teatro, e que estas duas linguagens se fundem, num estudo da relação corpo/força. Em perpétua renovação, Yoann Bourgeois trabalha actualmente na concepção de um espaço criativo experimental no maciço de Chartreuse, que articulará a pesquisa poética com a sensibilização ambiental.

EN “This show consists on a clownish and existential attempt to get back upright in the strict sense of the word, so that you can stand up and speak, even when everything is going against you. This becomes a metaphor for both the circus and life as a whole. Keeping your balance in the middle of opposing forces, which push and pull at you, takes a lot of work, a fair amount of obstinacy, and an unflinching sense of humour. Then, finally, there comes the inexorable fall”. Yoann Bourgeois, on *Minuit*.

### ALMADA

**Teatro Municipal**  
**Joaquim Benite**  
Sala Principal

**QUI 13** | **SEX 14**  
21:30 | 19:00

	LOCAL	ESPECTÁCULO	Pág.	04	05	06	07	08	09	10	11	12	13	14	15	16	17	18		
				TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER	QUA	QUI	SEX	SÁB	DOM	SEG	TER		
ALMADA	ESCOLA D. ANTÓNIO DA COSTA Palco Grande	¡Que salga Aristófanes!	11	22:00																
		Aquilo que ouvíamos	17		22:00															
		Não andes nua pela casa!	25				22:00													
		Montanha-russa	29						22:00											
		Il compleanno	31									22:00								
		Optraken	39											22:00						
		Ulysse de Taourirt	47														22:00			
		Une cérémonie	51																	22:00
	TEATRO MUNICIPAL JOAQUIM BENITE Sala Principal	Suécia	15		21:30	19:00														
		Eins Zwei Drei	27						21:30	19:00										
Minuit		33										21:30	19:00							
La vida es sueño		49															21:30	19:00		
Sala Experimental	Calvário	13		21:30		21:30	19:00			21:30					21:30	19:00				
FÓRUM MUNICIPAL ROMEU CORREIA	Eu sou a minha própria mulher	19				21:30		18:00		21:30										
	La enciclopedia del dolor. Tomo I: esto que no salga de aquí	41													21:30	15:00	21:30			
CINE-TEATRO ACADEMIA ALMADENSE	Ventos do apocalipse	23				21:30	15:00	15:00												
INCRÍVEL ALMADENSE	Jogging	21				21:30	18:00	15:00 21:30												
	A equipa	45													17:00 21:30	16:00	21:30			

LISBOA	CCB Grande Auditório	MOMO	37										21:00	18:30 21:00					
	CCB Pequeno Auditório	Everywoman	43												21:00	19:00			



## Batsheva Dance Company (Israel)

Co-produção para a criação: Orsolina28 Art Foundation, Moncalvo | Co-produção para a apresentação: Torinodanza Festival / Teatro Stabile di Torino – Teatro Nazionale / Festival Aperto – Fondazione I Teatri, Reggio Emilia / Fondazione del Teatro Grande di Brescia | Co-apresentação: Centro Cultural de Belém

# MOMO

Criação de **Ohad Naharin**

### Co-criadores

Bailarinos e Ariel Cohen

### Intérpretes

Chen Agron  
Yarden Bareket  
Billy Barry  
Yael Ben Ezer  
Matan Cohen  
Guy Davidson  
Ben Green  
Chiaki Horita  
Li-En Hsu  
Sean Howe  
Londiwe Khoza  
Adrienne Lipson  
Ohad Mazor  
Eri Nakamura  
Gianni Notarnicola  
Danai Porat  
Igor Ptashenchuk  
Yoni (Yonatan) Simon

### Luz

Avi Yona Bueno (Bambi)

### Som

Maxim Waratt

### Cenografia e adereços

Gadi Tzachor

### Figurinos

Eri Nakamura

### Música

Laurie Anderson  
Kronos Quartet

### Texto acerca da obra

Shira Vitaly

—

### Duração

1h10m

### Classificação

M/12

*MOMO* tem duas almas. Uma mergulha as suas raízes profundas na terra. Uma alma que incorpora arquétipos e mitos de uma masculinidade dura e crua. A outra procura constantemente uma individualidade e um ADN distinto em cada indivíduo. Uma move-se de forma autónoma e independente, a outra é uma constelação de elementos que giram em torno do mesmo núcleo, alternando momentos de deriva com outros, de introspecção, e deixando espaço para momentos de ternura e de catarse. Com uma banda sonora constituída na sua maior parte pelo lendário álbum *Landfall*, de Laurie Andersen, com a participação do Kronos Quartet (um dos mais renomados grupos de música de câmara do Mundo), esta coreografia consiste numa paixão partilhada, profundamente melancólica e bela, que se desdobra e preenche todo o palco.

Fundada em 1964, como companhia de reportório, pela baronesa Batsheva de Rothschild, a **Batsheva Dance Company** é uma das mais proeminentes e reconhecidas companhias de dança do Mundo. Esta estrutura de criação deve em grande parte a sua notoriedade a **Ohad Naharin**, o coreógrafo que regularmente dirige um elenco de bailarinos originários de todo o Globo.

---

<sup>EN</sup> *MOMO* has two souls. One sends long roots to the depths of the earth – a soul that embodies archetypes and myths of hardened, raw masculinity. And the other is in a constant search for an individual and distinct DNA. One moves within its own autonomous and independent force field, and the other is a constellation of elements that spin around the same nucleus – alternately drifting away and towards it, making room for necessary tenderness and catharsis. With a soundtrack comprised mostly of the album *Landfall*, by the legendary Laurie Anderson and Kronos Quartet, one of the foremost contemporary classical music ensembles, a shared passion of deep sorrow and beauty unfolds on stage.

LISBOA

Centro Cultural de Belém  
Grande Auditório

QUI 13  
21:00

SEX 14  
18:30 • 21:00



## Galactik Ensemble (França)

Apoio: Institut Français du Portugal

# Optraken

Criação colectiva do **Galactik Ensemble**

### Interpretação

Mathieu Bleton

Mosi Espinoza

Jonas Julliard

Karim Messaoudi

Cyril Pernot

### Direcção de cena

Victor Fernandes

### Direcção de palco

Charles Rousseau

### Construção e criação

de maquinaria

Franck Breuil

### Desenho de luz

Adèle Grépinet

### Operador de luz

Romain Caramalli

### Desenho de som

e de música

Denis Mariotte

### Operador de som

Eric Sterenfeld

### Produção e distribuição

Léa Couqueberg

### Produção e administração

Emilie Leloup

### Duração

1h00m

### Classificação

M/6

Cinco acrobatas driblam durante uma hora, sem nunca cair, todo o tipo de objectos e de obstáculos. Ao contrário da letra de uma canção da brasileira Elza Soares, eles não se chegam a levantar, porque nunca caem. Mas sim, estes 'galácticos' sacodem a poeira e dão a volta por cima, como na canção. Ninguém os derruba. Propõem-nos um *tour de force* circense. No entanto, o objectivo destes intérpretes é bem mais ambicioso: "A acrobacia não surge neste espectáculo apenas como uma forma de desafiar as leis da gravidade, mas sim como uma tentativa de, através da experimentação, enfrentar o imprevisível, naquele curto instante em que o controlo nos escapa; aquele momento em que nos esquivamos, evitando a queda e retomando o equilíbrio".

*Optraken*, uma palavra que soa divertida, é o termo que designa um desvio das pernas numa pista de ski para evitar obstáculos. E também significa 'saca-rolhas', em norueguês, lembrando-nos de que afinal nos encontramos muito mais vezes numa situação de equilíbrio instável do que o que julgávamos. "A imagem de um mosaico é o que melhor define a anatomia do nosso projecto", afirma este colectivo de acrobatas. "Adoptamos estruturas polifónicas. Não seguimos um argumento linear. Mal uma parede quase nos cai em cima, outra se ergue, permitindo-nos passar de uma cozinha para uma paisagem à beira-mar, e de uma floresta para o quarto de uma criança. Queremos acreditar que o tempo se expande, como uma folha de papel desdobrada infinitamente".

<sup>EN</sup> Body movement within unstable environments is the main obsession of the Galactik Ensemble on *Optraken*. These acrobats constantly zigzag between two poles: confronting bodies to the instability of a moving set, and finding within these shifting spaces necessity for acrobatic gestures, ballroom dancing and speech. The plot of this show doesn't follow a timeline. Fictions co-mingle and reality differs from one world to the next. As soon as a wall collapses, another one rises, both clearly and quickly enough to move the set from kitchen to seaside, and from forest to a child's bedroom.

### ALMADA

Escola D. António da Costa

Palco Grande

SEX 14

22:00



© CARLA R. CABANÉ

Elena Artes Escénicas (Espanha)

Co-produção: Teatro de la Abadía, Wiener Festwochen | Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa

# La enciclopedia del dolor. Tomo I: esto que no salga de aquí

A enciclopédia da dor. Tomo I: que isto não saia daqui

Texto e encenação de **Pablo Fidalgo**

**Interpretação**

Gonzalo Cunill

**Desenho de luz**

Bruno Stantos

**Colaboração artística**

Amalia Area

**Imagens Super 8**

Manuel Lareo Costas

**Audiovisuais**

Eduardo Tejada

**Assistente artístico**

**e fotografia**

Carla R. Cabané

—

**Língua**

Castelhano

(legendado em português)

**Duração**

1h00m

**Classificação**

M/12

No futebol, os guarda-redes atingem por vezes os píncaros da glória, mas são também aqueles de que primeiro nos esquecemos. Por isso **Pablo Fidalgo** escolheu colocar um destes jogadores no centro da sua *Enciclopédia da dor*. É ele quem distribui o jogo e nos convoca para uma viagem dolorosa, mas sem dramatismos excessivos. O tom de toda a récita é ameno, indo bem com a peculiar cadência *porteña* que o actor Gonzalo Cunill imprime ao castelhano. Assim se desenrola esta catarse, como nos explica o autor: “Que isto não saia daqui” era uma frase que a minha e outras mães costumavam dizer aos seus cachopos. Selava um pacto de silêncio”. Foi a capa do jornal *El país* de 31 de Maio de 2021 — em que era publicada uma fotografia do colégio religioso galego que o autor frequentara, com uma reportagem sobre alunos que haviam sido abusados sexualmente nos anos sessenta — que esteve na origem deste projecto.

“Esta enciclopédia apresenta-se como um grande exercício para elencar e classificar formas de violência exercidas ilegitimamente por uma autoridade que destruiu as vidas de muitas crianças. Chega sempre um momento em que uma cidade e uma sociedade apodrecidas têm de enfrentar a verdade”, afirma Fidalgo. Nesse dia a máscara do silêncio cai. “Tudo aquilo que ocultei um dia, não vou poder continuar a ocultá-lo. Por isso falo, e por isso existe esta peça. Isto sairá, finalmente, daqui”. Estamos perante um teatro “que escava e desenterra: um teatro sem ‘teatro’”.

<sup>EN</sup> This play makes part of a larger project conceived in three parts and called *The Encyclopaedia of Pain*, which delves into the ways in which we relate to truth and how that relationship translates into bodies. How lives are marked by what we cannot put into words and by the wounds that remain open for generations. In *Esto que no salga de aquí* [*Don't Tell This to Anyone*] it is raised a link between various generations that attended religious schools where abuses occurred for years. This encyclopaedia is presented as a great exercise to name and classify different forms of violence.

ALMADA

Fórum Municipal Romeu Correia

Auditório Fernando Lopes-Graça

SÁB 15 | DOM 16 | SEG 17

21:30 | 15:00 | 21:30



© ARMIN SMALLOVIC

## Schaubühne Berlin (Alemanha)

Co-produção: Festival de Salzburgo | Apoio: Goethe-Institut Portugal

Co-apresentação: Centro Cultural de Belém

# Everywoman

Texto de **Milo Rau** e **Ursina Lardi**

Encenação de **Milo Rau**

### Interpretação

**Ursina Lardi**

**Helga Bedau** (vídeo)

### Participação especial vídeo

**Georg Arms**

**Irina Arms**

**Jochen Arms**

**Julia Bürki**

**Keziah Bürki**

**Samuel Bürki**

**Achim Heinecke**

**Lisa Heinecke**

### Dramaturgia

**Carmen Hornbostel**

**Christian Tschirner**

### Pesquisa

**Carmen Hornbostel**

### Cenografia e figurinos

**Anton Lukas**

### Assistente de figurinos

**Ottavia Castelotti**

### Vídeo

**Moritz von Dungern**

### Desenho de som

**Jens Baudisch**

### Desenho de luz

**Erich Schneider**

—

### Língua

Alemão

(legendado em português)

### Duração

1h20m

### Classificação

M/12

Para amenizar o eixo dramático principal de *Everywoman* — que é a morte, tal como em *Jedermann*, de Hugo von Hofmannsthal, em que se inspira —, há um piano em cena, no qual a atriz **Ursina Lardi** toca Bach, conferindo à peça um tom de recital. Este aspecto torna a aparição de Helga Bedau, em vídeo, menos dramática. A Helga, que não é atriz, não foi pedido mais do que representar a sua própria situação: uma mulher que sofre de cancro, e que nos revela o que sente nos seus últimos meses de vida. Esta mulher não-atriz, que já não viveu o suficiente para assistir à estreia deste projecto, é *Everywoman*. O mecanismo com que se constrói este espectáculo, que cruza o vídeo com a representação ao vivo, criou um arquétipo que evita o sentimentalismo, e que simultaneamente não racionaliza em extremo a situação-limite da morte, evitando os clichés. Alcançar esse equilíbrio poderá assemelhar-se a uma verdadeira busca da Quadratura do Círculo, mas **Milo Rau** defende que “é para isso mesmo que existe o teatro”.

O encenador suíço — reconhecido unanimemente como um dos mais destacados criadores do teatro contemporâneo — convoca-nos para uma viagem pela vida de uma heroína colectiva, uma *Everywoman*, que terá um fim inevitável. No entanto, a delicadeza com que esta história nos é contada permite-nos observar a forma como nos poderemos acompanhar uns aos outros em situações difíceis, se nos socorrermos da ternura e da comunhão. A **Schaubühne Berlin** regressa ao Festival de Almada com uma peça estreada no Verão de 2020 no Festival de Salzburgo, em plena pandemia.

---

<sup>EN</sup> What remains, and what counts at the end of our lives? In *Everywoman*, a successful actress meets a woman who has been diagnosed with a lethal disease, and whose last wish is to perform one last time in a play. Inspired by the allegorical morality play *Jedermann* — which is about righteous lifestyle and redemption through faith — this play consists on an intimate conversation about the past and future ensues. And about life, death, loneliness and community.

LISBOA

Centro Cultural de Belém

Pequeno Auditório

SÁB 15 | DOM 16

21:00 | 19:00



© MAURO DIAS

## Dentro do Covil (Lisboa)

Co-produção: Centro de Arte de Ovar / Câmara Municipal de Ovar

# A equipa

Texto de **Afonso Cruz**

Direcção e criação de **Rui M. Silva**

### Interpretação

Rui M. Silva

### Desenho de luz

Nelson Valente

### Sonoplastia

Duarte Moreira

### Produção executiva

Luna Rebelo

Raquel Sousa

—

### Língua

Português

### Duração

50m

### Classificação

M/12

*A equipa* cruza, de forma simples e desarmante, dois mundos improváveis: o teatro e o basquetebol. Sozinho em palco, **Rui M. Silva** provoca um encontro entre si próprio e a sua memória, convidando o público a acompanhá-lo nessa jornada. Uma viagem ao (seu) passado, que é simultaneamente uma reflexão sobre o presente e o papel da memória na construção da identidade de cada um. À medida que se desfiem as histórias do passado, vai-se também interpelando o presente e a própria vida. Este diálogo entre duas épocas encerra igualmente um confronto físico do actor com o seu próprio corpo, que já não é o mesmo — um corpo que *fazia* e que, hoje, já não consegue *fazer*. Partindo de uma realidade concreta — uma equipa de basquetebol juvenil de uma pequena cidade —, constroem-se pontes para a forma como nos organizamos socialmente, como nos relacionamos uns com os outros, e como nos construímos enquanto indivíduos.

Eis um espectáculo sobre a importância e a força do colectivo, no qual a utopia é eleita como um caminho para a superação. Neste encontro, são partilhadas as dores da perda e os alicerces que sustentam a construção de identidades pessoais e comunitárias. No final assiste-se a uma celebração, a uma ode à vida, sem lugar nem tempo. O texto de **Afonso Cruz** foi escrito a partir dos relatos dos antigos basquetebolistas da Ovarense.

<sup>EN</sup> *A equipa* [*The team*] is an homage to a group of young basketball players who developed their own social order through the values of team sport and fair-play. Having experienced emotions of victory and defeat through the years, at a certain point they were confronted with the loss of one of their own. As they were shaken by this untimely death, this event would prove to be defining for them as they mature into men. This show is an ode to life, needless of time or place.

### ALMADA

Incrível Almadense

Salão de Festas

SÁB 15 | DOM 16 | SEG 17  
17:00 · 21:30 | 16:00 | 21:30



Compagnie Nomade in France (França)

Apoio: Institut Français du Portugal

# Ulysse de Taourirt

## Ulisses de Taourirt

Texto e encenação de **Abdelwaheb Sefsaf**

### Interpretação

Abdelwaheb Sefsaf  
Clément Faure  
Antony Gatta  
Malik Richeux

### Música

ALIGATOR  
(Georges Baux  
Nestor Kéa  
Abdelwaheb Sefsaf)

### Dramaturgia

Marion Guerrero

### Cenografia

Souad Sefsaf  
Lina Djellalil

### Desenho de luz

Alexandre Juzdzewski

### Desenho e operação de som

Pierrick Arnaud

### Director técnico

Daniel Ferreira

### Operação de luz e vídeo

Stéphane Cavanna

### Língua

Francês  
(legendado em português)

### Duração

1h20m

### Classificação

M/12

*Ulisses de Taourirt* procura um equilíbrio entre a música e o teatro para nos contar a história de uma família argelina a viver em França há duas gerações. Arezki, nascido em Taourirt em 1948, decide emigrar aos dezasseis anos, quando a Argélia era ainda uma colónia francesa. A mesma idade com que Abdelwaheb — nascido já em Saint-Étienne — descobre o fascínio pelo teatro, em 1986. Está encontrado o paralelismo entre duas formas de sonhar, de dois adolescentes, em diferentes épocas — e que por acaso são pai e filho. Entre a autobiografia e a crónica política, este texto inspira-se no mito de Ulisses como figura tutelar de uma odisseia de homens vulgares. Profundo e divertido — e com o toque de humor típico dos argelinos quando falam de si próprios —, o espectáculo é montado à nossa frente, como um verdadeiro puzzle, em torno do tema da construção de identidade. A música — ora com instrumentos tradicionais, ora recorrendo a sonoridades urbanas — alterna entre ritmos orientais desconstruídos e uma batida electrónica seca. O *Le Monde* considerou tratar-se de “uma belíssima peça/concerto”.

A **Compagnie Nomade in France** nasceu em 2010 por impulso de **Abdelwaheb Sefsaf**. Este grupo procura nas suas criações aproximar a música do teatro, ao mesmo tempo que defende o acesso universal a uma cultura de qualidade. Neste espaço de criação cruzam-se várias gerações, que ambicionam derrubar as barreiras entre os géneros artísticos.

<sup>EN</sup> Arezki, born in Taourirt, was 16 years old in 1948, when he left Algeria. Abdelwaheb, born in Saint-Étienne, was 16 in 1986, when he discovered theatre. Between autobiography and intimate social and political chronicle, *Ulysse de Taourirt* traces the contours of two teenagers — that of a father and his son. This intentionally epic narrative borrows from Homer's story its symbolic figure, in order to recall the heroism of these ordinary 'Ulysses' who in the 1950s migrated from Algeria to rebuild France.

ALMADA

Escola D. António da Costa  
Palco Grande

DOM 16  
22:00



© JAVIER NAVAL

## Compañía Nacional de Teatro Clásico, Cheek by Jowl e LAZONA

Em colaboração com: The Barbican, Londres e Scène Nationale d'ALBI-Tarn, França

Apoio: Embaixada de Espanha em Lisboa

# La vida es sueño

## A vida é sonho

De **Pedro Calderón da la Barca** | Encenação de **Declan Donnellan**

### Adaptação

**Declan Donnellan**  
**Nick Ormerod**

### Cenografia e figurinos

**Nick Ormerod**

### Intérpretes

**Alfredo Noval**  
**Antonio Prieto**  
**David Luque**  
**Ernesto Arias**  
**Goizalde Núñez**  
**Irene Serrano**  
**Manuel Moya**  
**Prince Ezeanyim**  
**Rebeca Matellán**

### Movimento

**Amaya Galeote**

### Som

**Fernando Epelde**

### Luz

**Ganecha Gil**

### Assistência de encenação

**Josete Corral**

### Dramaturgia

**Pedro Villora**

### Texto português

**Manuel Gusmão**

### Língua

Castelhano  
(legendado em português)

### Duração

2h00m

### Classificação

M/12

“Que é a vida? Um frenesi. / Que é a vida? Uma ilusão, / uma sombra, uma ficção, / e o maior bem pouco é; / pois que a vida sonho é, / e os sonhos, sonhos são”. Esta fala de Segismundo, o protagonista de *A vida é sonho*, sintetiza na perfeição o que está em causa nesta peça. Contradições que tocam a flor da pele e que fazem deste príncipe um homem perdido: “O delito maior de um homem é ter nascido”. A encenação de **Declan Donnellan** assenta num conjunto de portas de onde saem constantemente os estereótipos da vida — que atormentam Segismundo, mas também o público. Afirma o encenador: “Calderón mostra-nos que o nosso principal terror não é a morte, mas a existência, o que é algo completamente distinto. Tudo aquilo que fazemos, mais do que uma manifestação de vontade, é sobretudo uma forma de demonstrarmos que estamos cá”. O preço a pagar é alto, como descobre o protagonista desta história: “Quando temos mais alma temos menos liberdade”. Ao longo dos anos, aquela que é porventura a mais representativa peça do barroco espanhol tem sido considerada uma aprendizagem do poder — e dos seus abusos. Uma aprendizagem que é dupla: de um pai e de um filho. Segismundo aprende a ser rei, com os erros do pai. E o rei Basílio aprende, com o filho, que não soube de todo reinar.

**Pedro Calderón de la Barca** é, juntamente com Tirso de Molina e Lope de Vega, um dos expoentes literários do *siglo de oro* espanhol. *A vida é sonho* estreou em 1653, consistindo no absoluto triunfo em palco do estilo barroco, assente no ornamento, e no qual o horror ao vazio destila delírios e sonhos como filosofia de vida.

<sup>EN</sup> *Life Is a Dream* consists of a philosophical allegory regarding the human condition and the mystery of life. The story focuses on the fictional Segismundo, Prince of Poland, who has been imprisoned in a tower by his father, King Basilio, following a dire prophecy that the prince would bring disaster to the country and death to the king. Basilio briefly frees Segismundo, but when the prince goes on a rampage, the king imprisons him again, persuading him that it was all a dream. The play was first staged in 1653 and has been described as “the supreme example of Spanish Golden Age Drama”.

### ALMADA

**Teatro Municipal**  
**Joaquim Benite**  
Sala Principal

**SEG 17** | **TER 18**  
21:30 | 19:00



## Raoul Collectif (Bélgica)

Co-produção: Théâtre National Wallonie-Bruxelles, Théâtre de Namur, Mars – Mons Arts de la Scène, Théâtre Jean Vilar de Vitry-sur-Seine, Maison de la Culture de Tournai, Théâtre Sorano, Théâtre de la Bastille, CDN Orléans / Centre-Val de Loire, La Coop asbl / Shelter Prod

# Une cérémonie

## Uma cerimónia

Concepção, texto e encenação dos **Raoul Collectif**

### Interpretação

Romain David  
Jérôme de Falloise  
David Murgia  
Benoît Piret  
Jean-Baptiste Szézot  
Philippe Orivel  
Julien Courroye  
Clément Demaria  
Anne-Marie Loop

### Cenografia

Juul Dekker

### Figurinos

Natacha Belova  
Camille Burckel

### Desenho de som

Julien Courroye

### Desenho de luz

Nicolas Marty

### Direcção técnica e arranjos musicais

Philippe Orivel

### Aconselhamento musical

Laurent Blondiau

—

### Língua

Francês  
(legendado em português)

### Duração

1h40m

### Classificação

M/12

Um conjunto de actores encontra-se para celebrar algo. Parecem determinados, mas acabam por hesitar. Estão contentes por se encontrarem, mas paira uma certa inquietude no ar. Que rumo tomar? Procuram um caminho. Cantam e bebem. Afinam e desafinam. Improvisam. Escondem-se atrás de máscaras, ou dão o corpo às balas. Discutem. Sem saber por que o fazem. Reconciliam-se. Por entre um discurso que se vai revelando cada vez mais absurdo, surgem figuras míticas e ancestrais. Invocam-se lugares oníricos, que conquistam o palco. Sob o esqueleto de um pássaro enorme, o grupo afina estratégias, mas também vozes e instrumentos. A obra — em progresso — avança, qual espelho do Mundo, e reinventa-se através da tralha, literal e metafórica, que todos trazem para cena.

**Romain David, Jérôme de Falloise, David Murgia, Benoît Piret e Jean-Baptiste Szézot** – os Raoul Collectif – empenham-se desde 2009 nessa utopia lenta, mas fértil, que é a criação colectiva. Juntos, estabeleceram um método de trabalho que se ocupa de todos os aspectos da criação teatral: escrita, actuação, encenação, música e cenografia. Definem essa dinâmica como “um laboratório prático de democracia”. Das fricções que surgem entre os seus diferentes temperamentos, nascem ficções impregnadas de uma energia peculiar. Quem assiste aos seus espectáculos, depressa se habitua à alternância entre passagens corais e a erupção de idiosincrasias individuais. O resultado consiste numa tensão bem-disposta, tanto no propósito como na forma. Entre o rigor e o caos, evoca-se simultaneamente a gravidade e a fantasia.

---

<sup>EN</sup> Raoul Collectif productions are always something of a UFO, since the protagonists themselves love to happily walk on the edges of precipices in order to better find themselves. In this show, the celebration is about to start on a vast stage-set. At a sudden, the music moves forward, chairs fly in the air, and alcohol intoxicates the hearts as soon as it goes down the throat. And, behind the apparent carelessness that emerges from this picture, there is the spreading drama of a society that can no longer even bury its dead.

### ALMADA

Escola D. António da Costa  
Palco Grande

TER 18  
22:00

# Música na esplanada Escola D. António da Costa

Apoio: Share Foundation

Terça • 4 Julho • 20:30

Portugal

## Orquestra de Câmara de Cascais e Oeiras

Um quinteto de metais composto por José Carrilho e João Pedro Ferreira (trompete); Luís Mota (trompa); Rui Correia (trombone) e Pedro Oliveira (tuba) interpreta um conjunto de temas bem conhecidos (e animados) de música sul-americana.



Quarta • 5 Julho • 20:00

Argentina e Brasil

## Martín Sued e Gabriel Selvage

O bandónion argentino e a viola brasileira proporcionam um encontro entre tradições musicais distintas. Partindo dos pontos em comum, os dois artistas revisitam esse vasto repertório com uma abordagem descontraída e um profundo amor e respeito pela tradição.



Quinta • 6 Julho • 20:30

Portugal

## Miguel Ângelo Quarteto

Miguel Ângelo (contrabaixo), João Guimarães (sax alto), Joaquim Rodrigues (piano), e Marcos Cavaleiro (bateria) apresentam-nos o seu terceiro projecto: *Danças Desastradas*. Baseando-se em possíveis danças tradicionais — reais ou imaginárias—, eis uma proposta para escutar, sentir e dançar.



Sexta • 7 Julho • 20:00

Cabo-Verde

## Cremilda Medina

Cremilda Medina propõe-nos um concerto em que a morna — o estilo musical com que mais se identifica — será a protagonista. Preparemo-nos para uma viagem intimista pelas ilhas crioulas, através da sonoridade da voz e das guitarras tradicionais, que, juntas, retratam a alma de um país.



Sábado • 8 Julho • 20:30

Portugal

## Hermeticamente Falando

O saxofonista Manuel Teles junta-se ao contrabaixista Mário Franco e ao pianista Tom Maciel para explorar as possibilidades de fusão dos seus instrumentos. O seu repertório assenta no cancionário do brasileiro Hermeto Pascoal, uma figura maior do *jazz* experimental e da música improvisada.



Sábado • 8 Julho • 23:30

Portugal

## O Gajo

João Moraes (guitarra), Francesco Valente (baixo) e Isaac Achega (percussão) apresentam o novo projecto *Não Lugar*. O trio reunido em torno de O Gajo abre um ciclo de exploração da sonoridade da viola campaniça, alcançando sonoridades surpreendentes.



Domingo • 9 Julho • 20:00

Portugal

## Bizu Coollective

Há já 10 anos que os Bizu Coollective levam a sua música estrada fora, dentro e fora de Portugal. Com o álbum *Talkback*, a sua sonoridade ganhou novo fôlego. O universo musical deste *ensemble*, simples mas não simplista, inclui melodias e harmonias que cativam todo o tipo de audiências.



Segunda • 10 Julho • 20:30

Brasil

## Roda de Choro de Lisboa

O *chorinho* — um estilo que nasceu ainda durante o império português — consiste numa reinvenção popular brasileira da música barroca. Desta roda fazem parte Eduardo Miranda (bandolim), João Pedro Santos (clarinete); Carlos Lopes (acordeão); Nuno Gamboa (violão) e Alexandre Santos (percussão).



Terça • 11 Julho • 20:00

Portugal

## Carapaça Live

Este grupo, cujo nome homenageia a forma do instrumento *handpan*, junta os cúmplices Pedro Gonçalves, Pedro Serralheiro e Gonçalo Reis, que decidiram unir os sons do *handpan*, da bateria e dos sintetizadores, com o propósito de fazer o público dançar ao som de diversas atmosferas.



Quarta • 12 Julho • 20:30 • Argentina, Brasil e Colômbia

## The Latin-Jazz Project

Oriundos de três países da América Latina, Edison Otero (trompete), Walter Areia (contrabaixo), Sebastian Sherif (percussão) e Giordano Barbieri (órgão) juntam-se para fundir os géneros *latin*, *jazz* e *afro*, através da interpretação dos grandes *standards* e de temas mais contemporâneos.



Quinta • 13 Julho • 20:00

Portugal e Holanda

## Jackpot Quartet

Valsas, tangos, *swing* e marchas preenchem o repertório deste quarteto que, desde 2013, tem levado alguns dos bairros populares de Lisboa a dançar. Desta vez em Almada, Luís Bastos (clarinete), Aurélio Alegria (bombardino), Rini Luyks (acordeão) e Aluísio Neves (percussão) repetem a festa.



Sexta • 14 Julho • 20:30

Portugal e Espanha

## Flamenc4et

Ao cante de Diego El Gavi juntam-se o fado, o *jazz*, os ritmos latinos e até as sonoridades balcânicas, num concerto que convoca o melhor do flamenco feito em Portugal, agrupando um conjunto de músicos e bailarinos experientes no domínio da guitarra, do cante e do baile.



Sábado • 15 Julho • 20:00

Brasil

## Leo Middea

Leo Middea — uma voz do subúrbio carioca, leve e solar — já rodou o Mundo, acompanhado pelo seu violão. Em Almada interpretará alguns dos temas do seu quinto álbum, *Gente*, que contou com a participação da cantora e compositora Mallu Magalhães.



Sábado • 15 Julho • 23:00

Portugal

## Miranda Trio

Marta Miranda é a voz dos OqueStrada, uma referência da nova música urbana portuguesa. Acompanhada pela *contrabacia* (o contrabaixo dos pobres) de Jean-Marc Pablo e pela viola de Luís Guimarães, cantar-nos-á o *fado-beat*, um formato acústico simples mas poderoso.



Domingo • 16 Julho • 20:30

Portugal

## AL Guitar Duo

Criado em 2018, o AL Guitar Duo é constituído por André Ramos e Luís Fialho. Inspirados pelos sons latinos, trazem-nos um repertório que mistura a música popular portuguesa com o fado, o flamenco e o *jazz*, num conjunto de temas para os quais criaram arranjos próprios.



Segunda • 17 Julho • 20:00

Mediterrâneo e Balcãs

## Malotira

Formada em 2020 em Lisboa, a Malotira é uma banda de música tradicional que coloca em destaque as diversidades culturais da bacia mediterrânica e dos Balcãs, através de um repertório feito de canções e danças em língua grega, italiana, eslava e romaní — e nos seus vários dialectos.



Terça • 18 Julho • 20:30 e 24:00

Itália, Portugal e Argentina

## Os Sabugueiros

Agostino Aragno (violino) Juan Abalos (guitarra e timbales), José Conde (baixo eléctrico) e Andrea Versé (percussão) conheceram-se em Marvão. Inspirados pela paisagem serrana interior, pugnam através das suas palavras e música, pelo regresso às ideias simples e a valores ancestrais.



ALMADA  
FORUM®

APRESENTA:

DA WEASEL

-A HISTÓRIA-



EXPOSIÇÃO

23

5 DE JUNHO A 16 DE JULHO

[www.almadaforum.com](http://www.almadaforum.com) @ /almadaforum



actos  
complementares

# Por detrás do espectáculo

Com Franco Laera

A décima edição d'*O sentido dos Mestres* é dedicada à produção em teatro. Para nos elucidar acerca desta 'arte não criativa', convidámos o italiano Franco Laera, que tem produzido espectáculos com alguns dos mais renomados criadores do Mundo. De Robert Wilson a Peter Stein, passando por Philip Glass, Lucinda Childs, Dario Fo, Peter Greenaway, Robert Lepage, Jerzy Grotowski, Luca Ronconi, Eugenio Barba, Meredith Monk, Andrzej Wadja, ou Tadeusz Kantor — a lista dos artistas com quem tem colaborado é impressionante. Quando se lhe pergunta no que é que consiste, para si, a actividade de produção, remete-nos para uma curta definição intitulada *O homem-sombra*: "O produtor é como uma mãe 'à moda antiga', cuja ausência só notamos quando a camisa não está bem engomada, ou a massa cozeu de mais. Se as coisas correrem bem, então ninguém há-de agradecer-lhe no final". O universo de Franco Laera situa-se no cruzamento do palco com as artes plásticas, buscando constantemente novas formas: "O meu trabalho é semear, regar, fertilizar — e colher. Depois de o ciclo de vida se concluir torno a semear e a regar". Os vídeos de algumas das suas produções ilustrarão um percurso de mais de quatro décadas.

Segunda • 10 Julho

Como se 'produz' um produtor?

Terça • 11 Julho

O 'teatro da palavra' e o 'teatro da imagem'

Quarta • 12 Julho

Conceber, realizar e distribuir o espectáculo

Quinta • 13 Julho

Arte e 'media', ontem e hoje

Sexta • 14 Julho

"There is no time without change in paradise..." (William Burroughs)

Nascido em 1948, **Franco Laera** diplomou-se na Universidade Católica de Milão em 1970 com uma tese intitulada *Teatro e mass media*. Durante o final dos anos 60, anima e dirige o Centro Universitário Teatral, operando uma verdadeira revolução no campo teatral. Em 1974 funda o Centro di Ricerca per il Teatro, um espaço alternativo que se torna rapidamente na figura de proa da revolução teatral em Itália. Em 2003, com direcção de Robert Wilson, faz a curadoria e produz o evento institucional da Expo de Aichi 2005. Em 2007 faz a curadoria, na Síria, do espectáculo de abertura da Damasco – Capital da Cultura Árabe. É desde 2019 membro do Conselho Superior do Espectáculo ao Vivo, do Ministério da Cultura italiano, e professor contratado para a disciplina de *Arte e 'Media'*, pela Universidade de Milão.

A inscrição no curso, que decorrerá em inglês, faz-se mediante o envio de CV e carta de motivação para geral@ctalmada.pt, e tem um custo de 20€ (10€ para Assinantes do Festival).

ALMADA

Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea • 10 a 14 Julho • das 15:00 às 18:00

# A grande Festa das ideias (40 edições do Festival de Almada)

Em 2023 coincidem dois números redondos: as 40 edições do Festival e o cinquentenário da elevação de Almada a cidade. Desafiámos o cenógrafo José Manuel Castanheira a interperar estes dois caminhos e a consubstanciar, numa exposição documental, o envolvimento do Festival com a Cidade, a par e passo, ao longo dos anos. Pesquisámos no nosso arquivo fotográfico as imagens dos locais em que o Festival de Almada foi acontecendo ao longo de quase quatro décadas — dos becos no centro histórico para a 'cidade nova', onde nasceu o Teatro Municipal Joaquim Benite, que é hoje a casa da nossa Companhia. E, mais do que os locais, encontrámos sobretudo o público, numeroso e expectante, que é porventura a nossa mais notada e preciosa característica. Desafiámos por isso 100 espectadores a falarem-nos do 'seu' Festival em 40 palavras — uma por cada edição.

Há quarenta anos fazemos esta grande Festa das ideias.

A Festa é por natureza efémera. Tarefa impossível fazer reviver o acontecimento.

Mas esta cidade do teatro tem uma memória colectiva que não se apaga, que não esquece, que evoca os fundadores, os seguidores, os construtores, os actores e os espectadores.

É também por aí que a Festa vai continuar disseminando cada ano outras ideias.

O Tejo, os barcos e tudo o mais, são cenário de fundo desde muito antigamente. A comunidade cresceu e reconhece. E, cada ano, o Verão faz-se anunciar desde a janela da Casa da Cerca sobre o rio até ao auditório ao ar livre na Escola D. António da Costa, com paragem na Esplanada de todos os encontros.

Através de tantas memórias cresceu um novo panorama da cidade de Almada com vinte e sete estações. É verdade, o esquecimento corrói e esconde quase tudo; mas vejam como na mente dos espectadores restam tantas e boas recordações de pedaços de actores e de cenários com ruas, praças e palcos.

Ao atravessar este pequeno museu acidental passam os 40 anos do Festival nesta cidade que respira e inspira o teatro. (José Manuel Castanheira)

ALMADA

Escola D. António da Costa • Sala Polivalente  
4 a 18 Julho • das 18:00 às 24:00

# A escola do círculo repetido sem fim (no teatro de João Mota)

Vamos falar de um lugar que é uma escola da arte de moldar círculos. Um lugar primitivo moldado no barro onde se ousa esculpir o tempo. Espalhados pelo chão estão desenhados sulcos redondos, quase perfeitos, onde se dissolvem todas as palavras ditas.

Na porta entreaberta está escrito TEATRO e o seu MESTRE, tímido e convicto, anuncia aos actores outras possibilidades para um mundo maravilhoso a partir da luz que deixa escapar por baixo de uma esfera que oscila. Suspensão do tecto, o globo é agora um pêndulo que usa a memória como paisagem num exercício antigo e constante; vai e vem, estimulante, para descobrir por onde se poderá recomeçar. Nesta oficina conventual a repetição é criativa e o sentido é sempre plural. À volta da circunferência os aprendizes circulam num esforço renovado que deve durar a vida inteira. O mestre convoca rigor, disciplina e impõe o valor do silêncio. E uma espiral irá envolver actores e espectadores para uma consciência colectiva.

Nesta escola os círculos duplicados sem fim geram movimentos capazes de provocar o eterno retorno ao princípio artesanal de quase tudo. (José Manuel Castanheira)

O actor e encenador **João Mota** (n. 1943) é a personalidade do mundo teatral homenageada este ano pelo Festival de Almada. Pedagogo, professor na Escola Superior de Teatro e Cinema durante três décadas — a cujo Conselho Directivo chegou a presidir —, e director artístico do Teatro Nacional D. Maria II entre 2011 e 2015, João Mota estreou-se como actor nos programas da Emissora Nacional, ingressando em 1957 no Teatro Nacional D. Maria II, onde permaneceu durante dez anos. Tendo sido um dos membros do Centre International de Recherches Théâtrales, de Peter Brook, funda a Comuna — Teatro de Pesquisa em 1972. Como actor e como encenador, apresentou-se em mais de vinte países, chegando a dirigir a Convenção Teatral Europeia. Em 1992 foi agraciado com a Comenda da Ordem do Infante D. Henrique, e em 2007 foi-lhe atribuída a Medalha de Mérito Municipal — Grau de Ouro, e a Medalha de Mérito do Ministério da Cultura.

## ALMADA

Escola D. António da Costa • Átrio  
4 a 18 Julho • das 18:00 às 24:00

Parceria: Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea

# Vol. 1: Staged Bodies Vol. 2: Mar Vertical

De Noé Sendas

Noé Sendas tem vindo a desenvolver um corpo de trabalho que se debruça sobre a ideia de criação de pequenas performances narrativas e identitárias quer através de esculturas, quer de desenhos, colagens fotográficas ou instalações.

Na imagem que desenvolveu para o cartaz do 40.º Festival de Almada, e na consequente série que será apresentada no Teatro Municipal Joaquim Benite, Sendas parte de um conjunto de imagens pré-existente de fotografias dos anos 30, 40 e 50, com uma incidência especial no espólio de Silva Nogueira, cujo trabalho descobriu justamente numa visita a uma exposição deste fotógrafo na galeria do TMJB.

Cada imagem é uma construção através de um meticuloso trabalho de apagamentos, desmoronamentos, desconstruções que acabam por propor a ruína da própria imagem. Cada personagem é simultaneamente um corpo, mas também um espaço — um corpo de um ator/atriz e o corpo-espaço que o/a acolhe para através dele fazer a sua performance. Um corpo-teatro a realizar uma performance íntima imaginária, tornada visível e real no olhar do público que agora a vê. (Filipa Oliveira)

**Noé Sendas** (Bruxelas, 1972) vive entre Berlim, Madrid e Lisboa. Estudou na Kunsterhaus Bethanien (Berlim), na School of Art Institute of Chicago, na Royal College of Fine Arts (Londres) e na Ar.Co (Lisboa). Expõe regularmente desde o final dos anos 90.

Tem exposto os seus trabalhos na Akademie der Kunst; no Centro de Artes Helio Oiticica (Rio de Janeiro); no Museu Calouste Gulbenkian; na Casa de América (Madrid); no Centro de Artes Visuais de Coimbra; na Culturgest; no Designhaus Darmstadt; na Fundação EDP; na Fundación Botín (Santander); na Fundación Canal (Madrid); na Fundación ICO (Madrid); no Gemeentemuseum den Haag (Haia); no Goethe-Institut e no Instituto Cervantes de Estocolmo; na Kunsterhaus Bethanien (Berlim); no Kunstmuseum Bonn (Bona); no Kunstraum Botschaft (Berlim); na Alameda Art Laboratory (México); no Le Plateau – Centre d'art contemporain (Paris); no Maat; no Museu de Arte Contemporânea Gas Natural Fenosa (Corunha); no Museu de Arte Contemporânea de Vigo; no Museu Extremeño Iberoamericano de Arte Contemporânea (Badajoz); no Museu do Chiado; no Museu Berardo; no Museu Fundación ICO (Madrid); no Patio de la Infanta (Saragoça); no Patio Herreriano (Valladolid); na Galeria Municipal do Porto; no Multimedia Art Museum (Moscou); no TENT (Roterdão); no Visual Arts Center of Texas; e no Yerba Buena Center for the Arts (São Francisco), entre outros espaços.

## ALMADA

(Vol. 1: *Staged Bodies*) Teatro Municipal Joaquim Benite • Galeria de Exposições  
5 a 18 Julho • das 12:00 às 21:30

(Vol. 2: *Mar Vertical*) Salão das Carochas

5 Julho a 1 Setembro • De segunda a sexta das 10:00 às 12:30 e das 14:00 às 17:30  
Sábado das 14:00 às 17:30

# A criação e a Inteligência Artificial

Os desenvolvimentos recentes no campo da Inteligência Artificial estão a mudar o debate em torno da criação de conteúdo, e o ChatGPT não é o único protagonista. São cada vez mais os programas capazes de gerar conteúdo original (texto, música, imagens) através da análise de gigantescas bases de dados que incluem, frequentemente, obras com direitos de autor.

Assiste-se actualmente a uma reflexão sobre a capacidade criativa das máquinas e sobre a relação entre a imaginação humana e a tecnologia. Como é que sistemas informáticos podem simular criatividade, ao procurar a resposta mais provável? A tecnologia beneficia a criação? A criação promove o desenvolvimento tecnológico?

O Encontro da Cerca deste ano visa aprofundar estes temas, recorrendo a intervenções de dois painéis, constituídos por investigadores e por criadores. A moderação estará a cargo de Karla Pequeno, jornalista de tecnologia do *Público*.

## Painel I

**Ana Isabel Guerra** (jurista e investigadora)

**Miriam Seoane Santos** (investigadora)

**Paulo Dimas** (investigador)

**Paulo Querido** (jornalista)

## Painel II

**Carlos Pimenta** (encenador e actor)

**Manuel Halpern** (escritor e jornalista)

**Rodrigo Gomes** (artista plástico)

**Rui Penha** (compositor)

ALMADA

Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea

Sábado • 8 Julho • 15:00

O fim de tarde à conversa na Esplanada é uma tradição do Festival. Depois de apresentarem os seus espectáculos, muitos dos participantes debatem neste espaço com o público as principais inquietações que estiveram na origem dos seus espectáculos. Sempre às 18h, com o serviço de bar a funcionar, antecedendo o jantar e o concerto da noite.

**Quarta • 5 de Julho • 18:00**

**Ramon Fontserè** (encenador de *¡Que salga Aristófanes!*)

Moderação: Eugénia Vasques

**Quinta • 6 de Julho • 18:00**

**Nuno Cardoso** e **Pedro Mexia** (o encenador e o autor de *Suécia*)

Moderação: Helena Simões

**Sexta • 7 de Julho • 18:00**

**Joana Craveiro** (autora de *Aquilo que ouvíamos*)

Moderação: Rui Monteiro

**Segunda • 10 de Julho • 18:00**

**Martin Zimmermann** (autor de *Eins Zwei Drei*)

Moderação: Patrícia Cividanes

**Terça • 11 de Julho • 18:00**

**Hanane Hajj Ali** (autora de *Jogging*)

Moderação: Statt Miller

**Quarta • 12 de Julho • 18:00**

**Inês Barahona** e **Miguel Fragata** (autores de *Montanha-russa*)

Moderação: Emília Costa

**Quinta • 13 de Julho • 18:00**

**Peter Stein** (encenador de *Il compleanno*)

Moderação: João Carneiro

**Sexta • 14 de Julho • 18:00**

**Noé João** (encenador de *Ventos do apocalipse*)

Moderação: Ana Bigotte Vieira

**Segunda • 17 de Julho • 18:00**

**Pablo Fidalgo** (autor de *La enciclopedia del dolor. Tomo I: esto que no salga de aquí*)

Moderação: Catarina Neves

**Terça • 18 de Julho • 18:00**

**Afonso Cruz** e **Rui M. Silva** (o autor do texto e o encenador de *A equipa*)

Moderação: Ruy Filho

ALMADA

Esplanada da Escola D. António da Costa

# NOVO RENAULT AUSTRAL E-TECH FULL HYBRID 200 CV



carro do ano 2023  
troféu volante de cristal  
até 80% de condução elétrica na cidade<sup>(1)</sup>  
4.6 L/100 km<sup>(2)</sup>

<sup>(1)</sup> dependente do nível de carga da bateria e estilo de condução / fonte interna Renault / 2022. <sup>(2)</sup> valores homologados de acordo com o protocolo wtip / fonte utaa / julho 2022. protocolo wtip: consumo min/max (l/100 km) 4,6/5,2. min/max emissões Co<sub>2</sub> (g/km): 104/118. Imagem não contratual.

Renault recomenda 

## Caetano Formula

**Almada (IC20 Saída Universidade):**  
Caminho de Possolos,1,  
2825-043 Monte da Caparica  
Tel.: 212 949 310

**Barreiro (Palhais):**  
Quinta dos Moinhos,  
2830-222 Barreiro  
Tel.: 211 950 542

**Montijo (Oficina):**  
Rua do Laboratório - Pau  
Queimado, Afonsoeiro 124  
2870-833 Montijo, Setúbal  
Tel.: 215 815 512

[www.caetanoformula.pt](http://www.caetanoformula.pt)



# informações

## Assinaturas

Geral = 85€ · Clube de Amigos do TMJB\* = 68€

\*Com cartão válido até 18 de Julho de 2023 ou posterior.

A Assinatura do Festival de Almada dá acesso a todos os espectáculos, numa das sessões programadas. O título de Assinatura deverá ser trocado pelos respectivos bilhetes para cada sessão na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite, a partir de 17 de Junho.

As Assinaturas podem ser adquiridas na bilheteira do Teatro Municipal Joaquim Benite, nas lojas FNAC e em [www.ctalmada.pt](http://www.ctalmada.pt).

## Bilhetes avulsos

**Teatro Municipal Joaquim Benite** = 20€ (Sala Principal) · 13€ (Sala Experimental)

**Escola D. António da Costa (Palco Grande)** = 17€

**Fórum Municipal Romeu Correia** = 13€

**Cine-Teatro da Academia Almadense** = 13€

**Incrível Almadense (Salão de Festas)** = 13€

**Centro Cultural de Belém (Grande Auditório)** = entre 21€ e 35€

**Centro Cultural de Belém (Pequeno Auditório)** = entre 14€ e 17,50€

Para informações sobre a compra de bilhetes avulsos nas salas de Almada deverá contactar a bilheteira do TMJB.

## Contactos e moradas

### TEATROS

**Teatro Municipal Joaquim Benite** · Av. Prof. Egas Moniz – Almada · Tel.: 212 739 360

Telm.: 91 743 31 20 · [geral@ctalmada.pt](mailto:geral@ctalmada.pt)

**Escola D. António da Costa** · Av. Prof. Egas Moniz – Almada

**Fórum Municipal Romeu Correia** · Praça da Liberdade – Almada · Tel.: 212 724 922

**Cine-Teatro da Academia Almadense** · Rua Capitão Leitão, n.º 64

**Incrível Almadense (Salão de Festas)** · R. Sociedade Filarmónica Incrível Almadense 8A

**Salão das Carochas** · Largo Conde Ferreira 11A – Almada · Tel.: 21 272 4170

**Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea** · Rua da Cerca – Almada · Tel.: 212 724 950

**Centro Cultural de Belém** · Praça do Império – Lisboa · Tel.: 213 612 627

### INTERNET

**Site** · [www.ctalmada.pt](http://www.ctalmada.pt)

**Facebook** · [www.facebook.com/festivaldealmada](http://www.facebook.com/festivaldealmada)

**Instagram** · @festivaldealmada

**App do Festival de Almada**



DESCARREGUE A APP DO FESTIVAL DE ALMADA  
Disponível na Play Store

# 40.º FESTIVAL de almada

### Direção artística

Rodrigo Francisco

### Director financeiro

Carlos Galvão

### Directora-adjunta

Teresa Gafeira

### Director técnico

Guilherme Frazão

### Director de produção

Paulo Mendes

### Administração

Susana Fernandes

### Secretária da direcção

Ana Patrícia Santos

### Imagem do cartaz

Noé Sendas

### Exposições

José Manuel Castanheira

### Logotipo do Festival de Almada

Pedro Proença

### Comunicação e imprensa

Miguel Martins

Carolina Freitas

(estagiária)

### Edições

Rui Lagartinho

### Design gráfico

João Gaspar

Nicole Alves

### Fotografia

Rui Carlos Mateus

Luana Santos

### Acolhimento

Carina Verdasca

Marco Trindade

Pedro Walter

Bruno Realista

Diana Vaz

Filipe Carvalho

Raquel Mendes

Ana Rita Figueiredo

(estagiária)

### Website

Jorge Freire

### Contabilidade

Sofia Trindade

### Traduções e Legendagem

Inês Faria

Joana Cunha Matos

Rita Gonçalves

### Equipa técnica

André Oliveira

Bento Silva

Carlos Janeiro

Daniel Polho

Diogo Zózimo

João Farraia

José Pedro Manso

Paulo Horta

Paulo Mosqueteiro

### Recepções

Rodica Alexe

Teresa Gafeira

### Bar

Isabel Galvão

### Bilheteira

Sofia Chora

Susana Fernandes

### Restaurante

Alice Prazeres

Diana Antunes

Rosângela Vervloet

### Banca do Festival de Almada

Guilherme Marovas

### Equipa de frentes de salas

Alice Neves

Anabela Pires

Daniela Carbone

Maria Bandeira

Mariana Brandt

Marta Prieto

Maya de Albuquerque

Sara Brandt

Sara Libório

Sara Nuncio

Iara Santos (estagiária)

Margarida Simões (estagiária)



DIREÇÃO: Rodrigo Francisco, Carlos Galvão e Teresa Gafeira  
ASSEMBLEIA-GERAL: Maria Laita e Paulo Mendes  
CONSELHO FISCAL: Guilherme Frazão e José Carlos Nascimento

# CLUBE DE AMIGOS

Produções da CTA: entrada gratuita e 50% de desconto para os acompanhantes

Produções acolhidas: 50% de desconto e até 30% de desconto para os acompanhantes

Menu Clube de Amigos por 9€ e Menu Almoço por 6,75€ no Restaurante do Teatro

50% de desconto nas edições da Companhia de Teatro de Almada

20% de desconto nas Assinaturas para o Festival de Almada

Exclusividade na reserva de bilhetes para os espectáculos acolhidos

10% de desconto na Farmácia Louro em Almada

Mais do que ver, ajude a fazer.

O Clube de Amigos do TMJB, criado em 1988, é o núcleo de espectadores que apoiam as actividades do Teatro, beneficiando de várias condições especiais. Estamos certos de que podemos contar com o apoio de todos os que consideram a importância da arte e da cultura nas suas vidas.



O cartão anual do Clube de Amigos tem as seguintes modalidades:

## Novo membro

Geral	47,50€
Grupo (10 espectadores)	250€
Benemérito	mínimo 100€

## Renovação anual\*

Geral	42,50€
Sénior	35€
Jovem	25€
Grupo	250€

\*Até um mês após o limite da validade

Nota: O Cartão de Grupo não dá direito a desconto para acompanhantes nos espectáculos acolhidos, e a sua renovação anual tem de ser efectuada por todos os elementos. Por outro lado, nas produções da CTA este cartão dá desconto de 50% aos acompanhantes do titular, sem limite de espectadores.

TEATRO MUNICIPAL  
**JOAQUIM BENITE**